

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

Dragão vermelho: o duplo fantástico e o grotesco

Eliana Pardo Pulz Doiche¹

RESUMO: Direcionado fundamentalmente para os temas do duplo e do grotesco, este artigo apresenta alguns aspectos da personagem Francis Dolarhyde que, atormentada por seu passado e lutando contra sua própria personalidade, busca transformar-se e encontra a morte. Esta transformação, que acaba produzindo a introjeção de um outro eu antagônico pela personagem, apresenta nuances do gênero literário fantástico.

Palavras-chave: personalidade; duplo; grotesco

Focalizando a presença do duplo e do grotesco na obra *Dragão vermelho (Red Dragon)*², é possível identificar alguns pontos nos quais eles se interpenetram, de acordo com a ótica de Bakhtin (1987), e abrir estes pontos a novas percepções e interconexões. Vale lembrar que especificamente em relação à problemática do duplo

é frequente o desvanecimento entre os limites do real e do fantástico. Assim, não é de estranhar que algo que até aí havíamos considerado como imaginário nos surja como real, ou que o DUPLO que representa e simboliza, se aproprie das totais competências e funções do *eu* de que é representação ou símbolo (FURTADO, 2010).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo – 2011.

² Filme e romance homônimos são usados na análise uma vez que a narrativa fílmica se detém mais na personagem Dr. Hannibal Lecter e o nosso estudo concentra-se em Francis Dolarhyde – que é, no filme, somente um pano de fundo. No romance, há detalhes de constituição da personagem que são descartados na adaptação.

O grotesco aparece muitas vezes com as tintas do fantástico, mas, muito frequentemente, conserva-se no domínio do realismo (CALAZANS, 2010). Quanto ao fantástico, a dúvida entre real e não real, uma de suas características, traduz-se praticamente na questão *terá o aparente sobrenatural existência objetiva ou, pelo contrário, tudo resulta de coincidências ou de pura ilusão apenas atribuível ao psiquismo de quem o afirma?* (FURTADO, 2010).

O filme estudado para este artigo se baseia no primeiro livro da trilogia que, no cinema, começou pelo *O Silêncio dos Inocentes* (filmado em 1991) e em que Dr. Lecter auxilia a polícia – agora representada pelo agente Will Graham (Edward Norton) – a encontrar o assassino.

Em uma das conversas entre o psiquiatra e o agente, o primeiro diz ao segundo que “transformação é a chave [...] procure muitas tatuagens [...] e cirurgia corretiva provavelmente na face”. Desde o início da narrativa, o espectador já está adentrando o universo do duplo, ou seja, a ideia da dupla personalidade amplamente discutida por Rank em sua obra *O duplo*.

Em um segundo encontro, o psiquiatra recita os versos *Sabiá de peito vermelho/Enfurece os céus*. Com estas pistas, o detetive chega ao poeta inglês William Blake e à sua aquarela intitulada *O grande dragão vermelho e a mulher vestida de sol* (figura 1).



Fig. 1 - O grande dragão vermelho e a mulher vestida de sol. In: www.brooklynmuseum.org. Acesso em 08 nov. 2009

Blake realiza esta obra a partir de um texto do Apocalipse, mais especificamente

12.1 Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés, e na cabeça uma coroa de doze estrelas. 2. Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz. 3. Depois, apareceu outro sinal no céu, um grande Dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas. 4. Varria com sua calda uma terça parte das estrelas do céu, e as atirou a terra. Esse Dragão deteve-se diante da mulher que estava para dar à luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho (Apocalipse 12,1 — 12,18).

A pintura de Blake pode ser descrita como uma imagem grotesca e o que veremos a seguir é que a personagem Francis Dolarhyde atribui um novo significado a ela, isto é, ele a desloca de seu contexto cultural e a traz para o seu mundo. As imagens grotescas são discutidas por Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Segundo o teórico

[...] as imagens grotescas conservam uma natureza original, diferenciam-se claramente das imagens da vida cotidiana, preestabelecidas e perfeitas. São imagens ambivalentes e contraditórias que parecem disformes, monstruosas e horrendas, se consideradas do ponto de vista da estética "clássica", isto é, da estética da vida cotidiana preestabelecida e completa (1987, p. 22).

A descrição deste recurso estético ajusta-se perfeitamente à personalidade atual da personagem Dolarhyde. Ele se considera fora dos padrões de estética clássica, ou seja, aceitas pela sociedade em que está inserido. Vejamos, a seguir, a construção da personagem.

Marcas corporais

Aparecendo de forma mais explícita que no filme anterior, as marcas corporais feitas por tatuagens ganham destaque nesse episódio, onde o referido Dragão se nos oferece à visão através de uma tatuagem feita nas

costas do assassino Francis Dolarhyde (figura 2), apelidado de Fada dos Dentes.



Fig. 2 – Cena da personagem Francis Dolarhyde no momento de sua “transformação”. Disponível no filme *Dragão vermelho*, Los Angeles: Universal Studios, c. 2002. 1 DVD (124 min)

No contexto do estudo realizado para este artigo, a aquarela de Blake passa a significar o duplo. Francis projeta-se na imagem, identificando-se com ela por suas proporções corporais imensas e por não apresentar definições no rosto. A respeito do duplo, Carla Cunha afirma

O *DUPLO* pode ser mais do que uma parte integrante do “eu” e pode originar-se sem que *tenha de* surgir necessariamente a sua interioridade. É possível alguém vir a reconhecer *em outrém o seu DUPLO*. Esse reconhecimento em que dois “eu(s)” se entendem análogos e partilhando uma identificação anímica, estabelece igualmente o aparecimento do *DUPLO* (duplo exógeno), desta vez, aplicado a cada um deles (2010, grifo do autor).

Como dissemos anteriormente, Dolarhyde encontra o seu duplo fora de si: na aquarela de Blake. O dragão/serpente sulcado nas costas traça e

determina o destino de Francis Dolarhyde, assim como a maçã/fruto proibido de *A Metamorfose* (KAFKA, 2004), faz com Gregor Samsa.

Francis grava o símbolo do dragão do jogo chinês *Mahjong* – brinquedo presente em sua infância – em uma árvore próxima à casa de uma de suas vítimas. Ao que o detetive Will comenta “Você tem *orgulho*³. Deixou a sua assinatura.” Assim, Will Graham antecipa para o espectador que a personagem mata quando é o outro. O *Larousse Cultural – Dicionário da Língua Portuguesa* oferece o significado de orgulho, abaixo, que ajuda a entender quais frustrações levam Francis Dolarhyde a buscar o outro: dignidade, amor próprio, aceitação. Enfim, tudo que lhe falta em sua personalidade atual.

*Orgulho s.m. 1. Sentimento de dignidade própria, de valor próprio; brio, amor-próprio. 2. Elevado conceito que alguém faz de si próprio. 3. Arrogância, soberba. 4. Apreço, consideração.*⁴

O duplo

A concepção de duplo descrita acima explica o comportamento de Francis Dolarhyde ou Sr. D, como é chamado pelos colegas de trabalho. Esta mesma abreviação é adotada por Filipe Furtado em seu verbete sobre o duplo, o que nos leva a assumir que houve um propósito na escolha do nome – Dolar – D e Hyde –, como no clássico *O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, livro do escocês Robert Louis Stevenson, publicado em 1886, que trata do duplo. Ou, ainda, nos remete ao verbo da língua inglesa *to hide* (ocultar). RANK (1939) observa que o nome é “considerado pelo homem primitivo como parte integrante de sua personalidade” (p.101).

Dos muitos simbolismos que o dragão possui, destacamos aqui o que representa a energia do fogo, que destrói, mas permite o nascimento do novo (transformação) e de ser aquele que, depois de engolir a presa a cospe transfigurada. Na alquimia, ele representa a neutralização das tendências adversas do enxofre e do mercúrio. Já a cor vermelha representa a cólera e a

³ Grifo nosso.

⁴ *Larousse Cultural- Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

violência, diferentemente do branco, que representa a morte para certas culturas. Todos estes símbolos irão se entrelaçando durante a narrativa.

Passado e presente

Para fazermos uma boa leitura da personagem, o primeiro aspecto importante refere-se à infância. Francis nasce com lábio leporino, é rejeitado pela mãe e foi criado pela avó. Durante sua infância vive entre os idosos da casa de repouso que a avó administra.

Certa noite, Francis molha-se e corre para o quarto da avó para pedir ajuda. Ela, muito irritada, ameaça cortar-lhe o pênis dizendo: “Francis, nunca vi uma criança tão suja e repugnante como você! Cale a boca, seu animalzinho imundo!”. Francis corre para fora, é noite de lua cheia. O fato fica gravado na memória da criança e sempre volta à memória quando adulto.

Depois de 40 anos, Francis mora na casa herdada da avó e mantém o lugar como nos tempos dela. Nenhum de seus pertences foi descartado: cadeira de rodas, escova de cabelos, fotos, dentadura. O pertence íntimo é mantido em um copo com água, na cabeceira da cama do homem.

Vivia só, numa grande casa, uma herança dos avós, que se situava no extremo de um caminho coberto por saibro e que atravessava um enorme pomar [...] ninguém cuidava *dele*. Árvores mortas e galhos partidos misturavam-se com as árvores que ainda se encontravam verdejantes... (HARRIS, 1981, p. 93).

Pela descrição que o narrador faz do espaço, percebemos que a personagem se mantém presa ao passado. O trecho que se inicia com *vivia só* e termina com ninguém *cuidava dele* (trecho ambíguo) enfatiza o estado de abandono em que se encontram a personagem e sua casa. Além disso, ao mencionar que *as árvores mortas* se misturam com *as que ainda se encontram verdejantes*, o narrador insinua que resta pouco tempo, que o espaço no novo está acabando. O morto vai tomar o lugar do pouco que ainda está vivo. Dessa maneira, o narrador faz uma antecipação do que vai acontecer à personagem.

Ao entrarmos na casa, a repugnância pelo próprio rosto pode ser observada pelos espelhos⁵. Todos eles, tanto na própria casa como na das vítimas, são quebrados. A única exceção é um que fica na sala de musculação, no segundo andar. Lá, não há incômodo, uma vez que ao se exercitar Francis usa uma máscara feita de meia de senhora. “A máscara é a expressão das transferências, das metamorfoses, das violações das fronteiras naturais [...]” (BAKHTIN, 1987, p. 35). Ou aqui, simplesmente, é usada para cobrir-se enquanto aguarda sua transformação.

Os indícios de mudanças comportamentais iniciam-se a partir do episódio em que Francis parece se encontrar no limiar da loucura. “O motivo da loucura é característico de qualquer grotesco, uma vez que permite observar o mundo com um olhar diferente” (BAKHTIN, 1987, p. 35).

Depois da morte da avó, e durante nove anos, Dolarhyde *não foi perturbado nem perturbou ninguém*. O seu cérebro estava suave como uma semente. Sabia que estava à espera. De quê, não sabia. Um pequeno acontecimento, que acontece a qualquer um, informou a semente [...] de que o tempo tinha chegado: de pé junto a *uma janela*⁶ virada para norte, enquanto examinava um filme, notou o envelhecimento das mãos. Era como se de repente as mãos, que seguravam o filme, tivessem aparecido pela primeira vez diante dele e viu àquela *luz* do norte que a pele se tinha tornado flácida sobre os ossos e tendões e que pareciam cobertas por pequenos diamantes, tão pequenos como escamas de lagarto [...] (HARRIS, 1981, p. 285).

A semente a que se refere Dolarhyde irá brotar em seguida. Começa seu trabalho nas maxilas, até que os músculos da face sobressaíram, parecendo autênticas nozes⁷. Viaja para Hong-Kong, de onde volta tatuado – já duplicado –, e inicia seus trabalhos, que ele chama de “glória para sua transformação”:

Satisfeito com seus assassinatos, Francis se prepara para um novo ataque. Precisa de filmes que possam ser usados à noite, então vai até um

⁵ Nos contos “O espelho”, Machado de Assis, e “William Wilson”, de Edgard Allan Poe, a presença do duplo está refletida no espelho.

⁶ A janela e a luz simbolizam a abertura para o externo.

⁷ O aspecto essencial do grotesco é a deformidade. (BAKHTIN, 1987, p. 38)

laboratório. Lá, conhece Reba e sente-se à vontade ao lado dela, que, por ser deficiente visual, não pode ver como ele é horrível. “O grotesco e o sublime completam-se mutuamente; sua unidade produz a beleza autêntica que o clássico puro é incapaz de atingir.” (BAKHTIN, 1987, p. 38).

Dolarhyde começa a namorar a moça. Uma noite, na saída do trabalho, os dois vão à casa de Dolarhyde. O romance acontece e Reba passa a noite no lugar. Ao acordar, Francis começa a ouvir a voz do Dragão, isto é, a sua voz interior pedindo-lhe para lhe entregar a moça. Esta passagem “indica a inabilidade do indivíduo para amar” (RANK, 1939, p. 14). É o início da luta contra o seu duplo.

À noite, em um longo diálogo, Francis tenta resistir às exigências do Dragão. As dificuldades de fala dos tempos de criança voltam. O outro xinga, repete palavras que a avó dizia (“lábio rachado”, “nunca vi uma criança tão irritante e porca como tu”). Por fim, ao esforçar-se para levantar um halter com o peso exigido pelo Dragão e sentir uma grande dor, Francis percebe que precisa se livrar de seu duplo: o Dragão quer Reba morta, ele a quer viva.

Dolarhyde está diante [...] de uma dúvida angustiante: será melhor aceder à sua unicidade e mortalidade, ou prevalecer na ilusão da duplicidade e por isso, imortalidade. [...] (FURTADO, 2010).

Sabia quem falava e estava aterrorizado. Desde o início ele e o Dragão tinham sido um só. Estava a transformar-se e o Dragão era o seu ego superior. Os seus corpos, vozes e vontades eram um só. Agora não. Mudara desde Reba. Não penses em Reba. (HARRIS, 1981, p. 357)

Pensa em suicídio

Mas como é que ele podia ter certeza de que a sua morte afetaria o Dragão, agora que ele e o Dragão eram dois? Talvez não fosse possível. E como é que ele podia estar certo de que o Dragão a deixaria então em paz? (*ibidem*, p. 365).

Para liquidar seu inimigo, a solução encontrada pela personagem nos remete a Bakhtin (1987, p. 399) – “As funções essenciais do ventre são a paternidade e a maternidade. [...] dá a morte e a vida [...]”.

Rodou a cabeça de um lado para o outro para aliviar a tensão no seu poderoso pescoço. Regressava à casa. Correrá um grande risco e o prêmio que trazia era o do poder para escolher. Podia escolher ficar com Reba viva. Podia tê-la para falar com ela e podia ter a sua deslumbrante e inofensiva mobilidade na cama. Não precisava temer a sua casa. Agora tinha o Dragão no ventre.

O fim

Com o fim de acabar com tudo e livrar-se de um passado intolerável, Francis Dolarhyde resolve ingerir a figura original de Blake, que se encontra no Museu do Brooklin, em Nova Iorque (EUA). Viaja para lá, faz-se passar por um estudante interessado no artista e come a pintura. Não machuca ninguém e volta para casa satisfeito e sorridente: acredita estar tudo bem, ter destruído seu duplo. No entanto, este “outro eu”, que era exterior, agora está dentro de si. Para destruí-lo, vai encontrar o próprio fim, como se verá logo adiante.

Na volta ao trabalho, chegando ao estacionamento vê os policiais no escritório e percebe-se descoberto. Segue para a casa de Reba. Ela está se despedindo de um colega, com quem fora jantar. Ao vê-la com outro, sente-se traído e se enfurece. Aquele que parecia não mais existir se manifesta violentamente. Mata o rapaz e leva a moça desmaiada para seu velho casarão.

Reba acorda assustada, sentindo cheiro de gasolina. Francis diz que precisa matá-la para que o Dragão não a mastigue até a morte. Ateia fogo ao lugar e Reba ouve um barulho de tiro. Com o treino por que passou por ser deficiente visual e orientada pelo som do relógio, ela consegue sair dali. Lá fora, os policiais estavam chegando. Todos pensam que Francis se matara.

Dias depois, Dolarhyde é morto pela esposa do inspetor Will Graham. Ela sobrevivera, mas o assassino, que todos pensavam estar morto, foi induzido por Hannibal Lecter a vingar-se de suas mazelas matando a família de Graham.

Considerações finais

Na cena final do filme, o espectador ouve a voz de Lecter. Ele lê uma carta onde relembra as marcas da pele. A frase “Nossas cicatrizes têm o poder de nos lembrar que o passado foi real” resume um pouco de tudo aquilo por que passou Francis. Suas cicatrizes, embora não aparentes, levaram-no a lutar contra sua própria personalidade. Ao fazê-lo, personifica o mal e destrói uma família, aquilo que nunca teve e nunca terá.

Dolarhyde tornou-se um adulto amargo, solitário e incapaz de amar. Seu interior só pode ser visto por uma deficiente visual, porém já é tarde. Seu passado recente de assassino não o deixa recomeçar. A mesma sociedade que o perseguiu por não se encaixar no padrão de beleza instituído por ela, o perseguirá por seus assassinatos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BÍBLIA SAGRADA. 17. ed. São Paulo: Ave Maria, 1998.

CALAZANS, Selma, s.v. Grotresco. In: CEIA, Carlos (Org.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>> Acesso em: 07 nov. 2010.

CUNHA, Carla, s.v. Duplo. In: CEIA, Carlos (Org.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>> Acesso em: 07 nov. 2010.

FURTADO, Filipe, s.v. Fantástico. In: CEIA, Carlos (Org.). *E-Dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>> Acesso em: 07 nov. 2010.

DRAGÃO vermelho. Direção: Brett Ratner, Produção: Dino de Laurentis. Intérpretes: Anthony Hopkins; Edward Norton Ralph Finnes; e outros. Los Angeles: Universal Studios, c 2002. 1 DVD (124 min).

HARRIS, Thomas. *Red Dragon*. New York: Dell, 2002.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Larousse Cultural-Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

RANK, Otto. *O duplo*. Trad. Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Brasílca, 1939.